

Fim da cota de exportação à China reduz abate e encarece carne no Pará

Category: ECONOMIA, GERAL, PARÁ

escrito por Maria Luiza | 22 de setembro de 2026



O esgotamento da cota de exportação de carne bovina para a China e as barreiras sanitárias impostas pela União Europeia geraram um efeito reverso no prato dos paraenses. Ao contrário da expectativa inicial de que a retenção do produto baratearia as vendas locais, os frigoríficos diminuíram o ritmo de produção para evitar prejuízos estruturais. A queda brusca na oferta fez o quilo da carne de primeira atingir R\$ 46,44 na capital em agosto de 2026, acumulando uma alta de 17,30% nos últimos 12 meses. O encarecimento é muito superior ao aumento de 3,17% registrado no conjunto da cesta básica no mesmo período.

Os dados são do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos no Pará (Dieese-PA). O levantamento aponta que o estado possui o segundo maior rebanho do Brasil, com 25,6 milhões de bovinos em 2024, o equivalente a 10,7% do total nacional. O tamanho do plantel, no entanto, não garante preços baixos nos açougues locais. A tarifa extra de 55% cobrada sobre o excedente da cota chinesa de 1,1 milhão de toneladas fez a indústria pisar no freio de forma imediata. Apenas na comparação entre um mês padrão de 2025 e julho de 2026, o abate despencou em 90 mil cabeças no estado.

O setor produtivo argumenta que a inviabilidade de exportar cortes específicos afeta toda a viabilidade da cadeia. Como o mercado interno não absorve grandes volumes de dianteiro, músculo e lagarto, o animal inteiro deixa de ser processado. “Como a carne é um produto perecível, se não há colocação para os 300 quilos que um boi gera, você deixa de abater. Com isso, faltam cortes que o mercado interno consome. Inclusive, houve um aumento de preços de alguns cortes no mercado nacional”, explica Daniel Freire, presidente do Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados no Estado do Pará (Sindicarne).

A saída provisória do mercado asiático provocou uma ociosidade de 40% na indústria paraense, reduzindo drasticamente a disponibilidade de filé mignon, picanha, contrafilé e alcatra. Sem acesso habilitado a países como Estados Unidos e Chile, os frigoríficos esbarram em obstáculos que vão muito além do mero controle sanitário. “O Pará tem o mesmo status sanitário do resto do Brasil. Temos rastreabilidade plena do rebanho. Não é por isso que não acessamos alguns mercados; o tema é diplomático e político, o resto do Brasil nos enxerga como concorrentes”, ressalta Daniel Freire.

Demanda e oferta

O reflexo da retração industrial chega de forma imediata aos balcões de venda direta ao consumidor. Com os preços no atacado mais altos e o poder de compra da população espremido, os estabelecimentos comerciais precisaram mudar a estratégia de abastecimento diário para não acumular prejuízos. O açougueiro Ademir Oliveira, permissionário no Mercado da Bandeira Branca, no bairro do Marco, relata: “Foi uma mudança brutal o aumento da carne aqui na nossa cidade. A demanda caiu e o preço aumentou”.

Para evitar que o produto estrague nas vitrines, os comerciantes diminuíram o volume de pedidos aos frigoríficos, o que gera uma falsa percepção de desabastecimento de peças específicas. “Conforme a gente diminuiu a compra de peças,

diminuiu a quantidade que a gente disponibiliza. Filé, principalmente em datas comemorativas, é muito difícil [de se encontrar], seguido pela picanha e alcatra”, acrescenta Ademir Oliveira.

Orçamento

A escassez nas gôndolas e açougues pressiona diretamente os pequenos empreendedores e chefes de família. A profissional de alimentação Lucilene Nepomuceno, 47, sentiu a disparada nos insumos básicos e precisou reduzir sua produção de 300 para 250 marmitas diárias. Para tentar economizar cerca de 20%, ela atravessa a cidade, do Curió-Utinga, para comprar ingredientes no bairro da Pedreira, mas relata que até produtos secundários como o rabo de boi, antes adquiridos a R\$ 12, hoje chegam a custar até R\$ 36.

“Nós comprávamos o quilo da agulha sem osso por R\$ 25, hoje tá saindo quase a R\$ 39. Nós comprávamos a costelinha a R\$ 22 ou R\$ 23, hoje tá chegando a R\$ 33,90”, detalha Lucilene.

A empresária Alessandra Canto, 45, que também atua no ramo de refeições, enfrentou quatro reajustes de fornecedores apenas em 2026. Cortes como o paulista saltaram de R\$ 36 em janeiro para R\$ 42, enquanto a língua bovina subiu de R\$ 8 para quase R\$ 30. O cenário a forçou a aplicar um acréscimo de R\$ 1 na sua marmita, hoje vendida a R\$ 19, e a realizar um enxugamento proporcional nas porções servidas aos clientes.

“Segurei enquanto eu pude. Primeiro aumentei só o preço das refeições com carnes. Só que depois, como tudo aumentou, tive que colocar tudo num valor só, R\$ 19, e reduzi um pouco a quantidade na marmita do cliente”, afirma Alessandra.

Para garantir a refeição básica, o trabalhador compromete uma fatia cada vez mais amarga da própria renda. Segundo o Dieese-PA, a compra dos 4,5 kg de carne estipulados na cesta básica exige o desembolso médio de R\$ 208,98. O montante representa

12,89% do salário mínimo em vigor, exigindo do cidadão aproximadamente 28 horas e 22 minutos de trabalho no mês apenas para garantir a mistura na mesa.

“Para a carne realmente ficar mais barata ao consumidor, será necessário que o produto permaneça no mercado brasileiro, que os abates não sejam reduzidos e que uma eventual queda no atacado seja repassada pelo varejo”, avalia Everson Costa, supervisor técnico do Dieese-PA.

Fonte: oliberal e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso
22/09/2026/07:10:45

O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](tel:5511984046835)– (93) 98117 7649.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](tel:5511984046835) (Claro)
- Site: www.folhadoprogresso.com.br e-
mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e-mail:
adeciopiran.blog@gmail.com

[Bitcoin em reais: o que o preço atual revela sobre o momento do mercado](#)